

LEITURAS CRÍTICAS DE ESPETÁCULOS DO FESTE_2023.

Show de Variedades Ilícitas: um espetáculo surpreendente que mostra o avesso real do show da vida, por Alexandre Mate.

Em um determinado momento de sua trajetória e de acumular tantas acusações de que seus textos seriam muito pobres, primários, violentos, grotescos, destituídos de “espírito mais elevado”, o mestre Plínio Marcos, absolutamente despreocupado com tais apreensões, teria respondido algo próximo a “[...] não tenho culpa de o mundo ser a merda que é e a pobreza se ampliar, incessantemente”. Trata-se de uma resposta objetiva e certa àqueles que impõe rótulos e pensa o mundo a partir de determinados padrões consagrados por certo e ideológico estrato social. De fato, quem tem detido o poder no mundo transformou a existência naquilo que se vive e se vê: lixo por toda a parte, destruição por todos os lados, violência em todas as camadas.

Se a linguagem teatral, além de emocionar, por meio da beleza estética, tem também uma função histórico-social de contar/ mostrar/ manifestar seu tempo, é evidente que nas criações existentes existiram artistas que fizeram e farão parte do coro dos “deixa pra lá” (atitude sempre confortável) e artistas que sentem firmemente que têm de enfrentar seu tempo, riscar o chão... sem os chamados eufemismos suavizadores do viver. Calar representa convivência, no mínimo. A vida é cruel! As relações sociais instauram-se por meio de todo tipo de violência, de luta, principalmente aquelas decorrentes das classes historicamente antagônicas. Enquanto houver injustiças sendo praticadas contra a humanidade, afirmou um filósofo, nem os mortos estarão sossegados.

O espetáculo *Show de Variedades Ilícitas* segue o surpreendente solo *Animo Festa*, criações do genial Marcio Douglas: com tais obras nascia, depois de décadas de preparação, o palhaço Klaus. Do ponto de vista artístico, assisti ao nascimento de Marcio Douglas. Havia naquele permanentemente inquieto e serelepe jovem uma volúpia pela vida: Marcio me parecia um filho de Oscarito, de Grande Otelo, de Dercy Gonçalves... Era sempre prazeroso “testemunhar” as tiradas, as sacadas, as rapidezzes, as genialidades de Marcio. Em presença do, então, interessado e estudante de teatro, era próximo do impossível permanecer fechado, quieto, sério... Marcio era um presente de alegria embrulhado para a vida.

O espetáculo assistido na noite de sábado, no Teatro Galpão, inserido na 45ª edição do Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba – Feste (2024), foi arrebatador! Sentei-me ao lado da queridíssima Simone Carleto, amiga com a responsabilidade, no evento, de escrever as críticas dos espetáculos adultos. Simone ria de modo a se contorcer na poltrona!

Em tese, ao se tomar o título conferido à obra, assim como já ocorrera em *Animo Festa*, por meio da obra se acessaria um portal de ilicitudes que, no caso do palhaço Klaus,

promoveria a entrada em um território de transgressão, de denúncia, de exposição de verdades. No reino “klaunesco” das ilicitudes, a estrutura da obra tomaria o teatro de variedades, em cuja origem estavam os/as artistas populares a existir e a denunciar as atrocidades das classes dominantes da vez! Portanto, tendo em vista a tradição, retomando Plínio Marcos, a violência não se encontra em quem reage, mas e verdadeiramente, precisa ser buscada e tributada a quem promove este estado de coisas!

Em *Show de Variedades Ilícitas* Klaus não veio sozinho: Klaus trouxe consigo a irreconhecível Adriana Marques. Muitas obras assistidas da atriz, mas a “tornozelada” Bernardete está arrebatadora. A atriz com sorriso sempre lindo e comovente, permaneceu com uma máscara facial próxima ao desdém, todo o tempo... Nunca a vi tão linda e em plenitude! Renato de Sousa Júnior, o “volumoso” (alusão ao pênis marcado na calça colada), estava hilário. Renato pouco falava, mas fez rir ao paroxismo.

Voltando à obra, e como do teatro de variedades, a forma migrou para a estrutura revisteira, Klaus apresenta o prólogo e as personagens com as quais contracenará. Na condição de um mestre de cerimônia, absolutamente bufonesco, a personagem criada por Marcio Douglas imprime outra função ao palhaço Klaus e faz seu charlatanismo “nadar de braçadas”. Ao longo do rapidíssimo espetáculo (obra tão boa que se gostaria de muito mais tempo... egoístas que somos, alguns e algumas de nós), diversos números teatrais, retomando algumas das características das variedades de da forma revisteira, são apresentados. Magia, coreografias, cantos esquetes, relação real e permanente com o público... Camadas de representação criadas a partir de diversas linguagens, nas quais os episódios em justa/sobreposição apresentam o mundo às avessas, de cabeça para baixo, real, sem eufemismos suavizadores. Possivelmente de tais episódios, e se se fosse capaz de perguntar, tenderia a vir à tona uma indagação segundo a qual a questão central pudesse estar contida na indignação: com quantos graus de ironia e de sarcasmo é preciso mostrar o mundaréu do viver!? Fundamental retomar: *Show de Variedades Ilícitas* é obra grotesca, mas a violência é do mundo atual.

Durante o debate ocorrido logo após o espetáculo, indagado sobre as influências para criação de Klaus, Marcio apresenta alguns nomes (que não guardei!), mas, e desde *Animo Festas*, trago as imagens do filme *Laranja Mecânica* (1971), dirigido por Stanley Kubrick; algumas e essenciais obras de Pier Paolo Pasolini, com destaque a *Saló ou 120 Dias de Sodoma*; *Apocalypse Now* (1979), dirigido por Francis Ford Coppola e interpretado por Marlon Brando... Pessoas e personagens do mau são fruto de sociedades doentes.

Das tantas qualidades da obra, aquela que fica martelando e martelando e martelando, do ponto de vista do recorte temático, refere-se aos expedientes de que os artistas populares (e os humanos também) têm de lançar mão para conseguir sobreviver contra os reais dragões da maldade.